

# *Memória*



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 32, N. 2, JUL.–DEZ. 2019  
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Curt Lange e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (sentados, ao centro), com Mário de Andrade (terno branco), José Cândido de Andrade Muricy (atrás de Mário) e outros, em jantar no Rio de Janeiro em 1934 (Acervo Curt Lange).

# O “americanismo musical” de Curt Lange: por uma *Bildung* mestiça e tropical

Cesar Buscacio, Virgínia Buarque<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo interpreta um texto produzido por Curt Lange em 1935 e publicado na *Revista Brasileira de Música*, no qual ele apresenta o americanismo musical aos leitores brasileiros. Lançando como questão identificar, através desse escrito, balizas teóricas que fundamentaram tal movimento, postula-se que Curt Lange configure o americanismo musical como um enlace da singularidade cultural da América Latina com o universalismo de um legado cultural da humanidade. Tal imbricação, contudo, ainda não estaria concluída, e seu aprimoramento no campo das ideias e das artes deveria culminar numa sociedade mais irmanada. Essa interface singular-universal, por sua vez, pode ser remetida à formação germânica de *Bildung*, recebida por Curt Lange, em diálogo com premissas do imaginário romântico, do historicismo e da recém-fundada antropologia cultural. Em desdobramento, o americanismo musical reconfigura a tensão universal-particular através da valorização da mestiçagem da “raça latina” e do reconhecimento de um “ethos tropical”.

233

**PALAVRAS-CHAVE:** Curt Lange. Americanismo musical. *Revista Brasileira de Música*. *Bildung*. Mestiçagem. Trópico.

**ABSTRACT:** This article interprets a text produced by Curt Lange in 1935 and published in *Revista Brasileira de Música*, in which he presents the musical Americanism to Brazilian readers. Launching as search to identify, through this writing, theoretical beacons that based such movement, it is postulated that Curt Lange configures the musical Americanism as a link of the cultural singularity of Latin America with the universalism of a cultural legacy of humanity. Such imbrication, however, was not yet complete, and its improvement in the field of ideas and of the arts should culminate in a more fraternal society. This singular-universal interface, in its turn, can be invested onto the Germanic formation of *Bildung*, received by Curt Lange, in dialogue with premises of romantic imagery, of historicism and of the just founded cultural anthropology. As development, the musical Americanism reconfigures the universal-particular tension through the valorization of the miscegenation of the “Latin race” and the recognition of a “tropical ethos”.

**KEY-WORDS:** Curt Lange. Musical Americanism. *Revista Brasileira de Música*. *Bildung*. Mestiçagem. Tropic.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

No início de 2020, os autores deste artigo viram-se defrontados com o desafio de proceder à releitura de um escrito de Francisco Curt Lange (1903-1997),<sup>2</sup> publicado em 1935 nesta mesma *Revista Brasileira de Música*,<sup>3</sup> intitulado *Americanismo musical: ideias para uma futura sociologia musical latino-americana*. O texto havia sido proferido em formato de conferência no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro no final de 1934, a convite da Associação Brasileira de Música.<sup>4</sup> A *Revista Brasileira de Música* fora oficialmente criada naquele ano de 1934 pelo diretor do Instituto Nacional de Música (atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Guilherme Fontainha (1887-1970). Nesta primeira fase, ela circulou entre março de 1934 e 1946, tendo como redator Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992), que atuava como bibliotecário no Instituto por ocasião de sua fundação.<sup>5</sup> A publicação de artigos em periódicos especializados, assim como a troca de correspondências, apresentava-se como um canal de grande importância para legitimação de vertentes musicais e projetos político-culturais. Dessa maneira, o artigo de Curt Lange publicado na *Revista Brasileira de Música* pode ser entendido como uma mediação cultural, portadora “de variadas representações sociais, que traduzem,

<sup>2</sup> A trajetória biográfica e científica deste musicólogo teuto-uruguaio é bastante conhecida, bem como a relevância de seu trabalho no meio acadêmico e musical. Para uma rápida síntese deste percurso, consultar a *Nota biográfica* editada pelo Acervo Curt Lange, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (Rocha, 2020).

<sup>3</sup> O primeiro tomo desse periódico é datado de junho, embora tenha sido dado a público em novembro.

<sup>4</sup> Diósnio Machado Neto (2010, p. 79) transcreve trecho do mesmo artigo de Curt Lange veiculado pela *Revista Brasileira de Música*, mas em idioma espanhol, indicando que o mesmo foi igualmente publicado em 1935. Infelizmente, o periódico em que o texto em espanhol foi editado não é mencionado na bibliografia.

<sup>5</sup> A *Revista Brasileira de Música* chegou a ser considerada um dos periódicos mais relevantes de publicação científica sobre música da América Latina, constando do *A Guide to Latin American Music* da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos em 1945. Como indica sua ficha catalográfica, ela passou por distintas fases e periodicidades (trimestral, de 1934 a 1938 (v. 1 a 5); anual em 1939 (v. 6); novamente trimestral, em 1940 e 1941 (v. 7); novamente anual, de 1942 a 1991 (v. 8 a 19); periodicidade irregular, de 1992 a 2002 (v. 20 a 22); e finalmente semestral, de 2010 até o presente (v. 23 a 32).

em códigos particulares, a complexidade das relações sociais (em suas contradições e potencialidades), bem como as disputas de poder a elas vinculadas” (Buscacio, 2009, p. 6).<sup>6</sup>

Tal proposta de releitura pareceu uma oportunidade para o lançamento de um olhar retrospectivo à tese defendida em 2009 por Cesar Buscacio, que versava justamente sobre o *Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956)*.<sup>7</sup> Já naquela ocasião, a interpretação dessas missivas fora promovida em diálogo com sua colega historiadora Virgínia Buarque. A frutuosa parceria foi assim retomada nesta análise do mencionado texto de Curt Lange, suscitando novas reflexões no tocante ao *americanismo musical*, ao mesmo tempo em que se vê reiterada a premissa anteriormente assumida pelos dois autores acerca da relevância das balizas teóricas para as pesquisas no campo da musicologia e do saber histórico.

No artigo de 1935, Curt Lange enunciava o intento de que o movimento do americanismo musical viesse a favorecer a emergência de uma cultura latino-americana articuladora da diversidade regional e nacional com uma projeção cosmopolita ou universal: “sairá mais tarde um novo ‘*homo americanus*’, encarnando, talvez, em suas fases capitais, o homem universal, tal como nós o sonhamos” (Lange, 1935, p. 97). Essa dimensão universalista no âmbito do americanismo musical de Curt Lange não foi tão enfatizada na tese desenvolvida por Buscacio; ademais, ela adquiriu maior repercussão no Brasil somente após a Segunda Guerra Mundial, com tendências estéticas que ora negavam,<sup>8</sup> ora incorpora-

<sup>6</sup> Ver também Arcanjo Júnior; Miranda, 2016, p. 106: “Levando em consideração a capacidade estética de construir obras que dialogam com regimes de sensibilidades partilhadas em diferentes contextos, a música é aqui tratada como uma construção social calcada numa rede de significados tecida por uma rede de escuta que valoriza a linguagem musical, mas sem deixar de lado os significados sociais e político”.

<sup>7</sup> Esta tese foi publicada em livro, com mesmo título, pela Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, em 2011, cujo financiamento deveu-se ao prêmio obtido pelo autor no “Prêmio FUNARTE de Produção Crítica em Música” em 2010. As transcrições neste artigo reportam-se à tese e não ao livro por esta estar mais facilmente disponível para consulta pela *web*.

<sup>8</sup> Pode-se citar como exemplo o grupo Música Viva (1938-1952), liderado pelo

ram-se ao nacionalismo.<sup>9</sup> O próprio Curt Lange, em escritos da década de 1940 e 1950, conferiu menor importância à esfera universalista no campo artístico-musical: “O universalismo em música é representado por um setor de menor proporção e peso, em momentos em que volta a paz e se espera do intercâmbio de produtos espirituais um maior incentivo para nossos meios” (Lange, 1946, p. 46).<sup>10</sup>

Dessa maneira, foi justamente o peculiar entrecruzamento entre o universal, o nacional e o local no escopo da cultura, especialmente da música, proposto por Curt Lange em seu texto de 1935, que despertou nossa atenção. A intensificação do processo de globalização no tempo presente, que uniformiza padrões estéticos ao mesmo tempo em que valoriza expressões culturais locais, lançando-as como alternativa de consumo (Pereira, 2012), confere atualidade às discussões já promovidas por Curt Lange. Além disso, os debates em torno do multiculturalismo e sobretudo do interculturalismo interpõem outros tantos sentidos à tensão entre o particular e o universal, que talvez possam ser mais elucidados através de uma remissão a suas matrizes teóricas. A atualidade dessa discussão mostra-se patente, por exemplo, na retomada implícita da tensão universal-particular pelo próprio Curt Lange no 1 Encontro de Compositores Latino-americanos de Belo Horizonte, ocorrido em 1986:

236

O comparecimento de Curt Lange ao evento causou certa surpresa por ter acontecido de forma não prevista [...] O predomínio de uma mentalidade eurocentrista [ou exclusivamente universal-civilizatória] levou Curt Lange a ter sérios embates em Bonn (Alemanha), pois havia a intenção de enviar grandes orquestras sinfônicas para a América Latina, “para nos fazer ouvir a 5.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven, uma de Brahms e mais alguma coisa”. [...] Lange sugeriu que mandassem pequenos conjuntos para co-participar com os elementos locais e trabalhar juntos, por exemplo, a música de câmara (Lovaglio, 2010, p. 169).

compositor alemão naturalizado brasileiro, Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005).

<sup>9</sup> Como no caso emblemático de Camargo Guarnieri, que “atribuía ao nacionalismo estético uma dinâmica circular, que partia do universal-civilizado, atingia o nacional, e retornava ao global” (Buscacio, 2009, p. 38).

<sup>10</sup> “*El universalismo en música es representado por un sector de menor proporción y peso, en instantes en que vuelve la paz y se espera del intercambio de productos espirituales un mayor incentivo para nuestros medios*”. Ver também sua defesa de “*menos enseñanza universal y más enseñanza americana*” (Lange, 1946, p. 46).

Buscamos então interpretar a imbricação universal-particular no americanismo musical através de duas questões, dentre as muitas que poderiam ser formuladas a partir das incitações lançadas pelo artigo: que matrizes teóricas viabilizaram que Curt Lange pensasse o americanismo musical na confluência do universal e do particular? Porque a América Latina apresentou-se a ele como espacialidade cultural privilegiada para promoção dessa confluência?

Na tentativa de responder tais indagações, dividimos o presente artigo em dois tópicos. Inicialmente, postulamos que a inter-relação universal-particular delineada por Curt Lange pode ser remetida à concepção germânica de *Bildung*, na qual ele foi educado e que, em paralelo, embasou a constituição de distintas ciências humanas, particularmente da antropologia cultural, outra fonte de referência desse musicólogo teuto-uruguaio.<sup>11</sup> Em seguida, reconstituímos as tensões entre os projetos de pan-americanismo e americanismo musical, discorrendo sobre as noções de mestiçagem e de trópico como elemento fulcral para escolha da América Latina por Curt Lange como ponto de convergência do particular-universal.

237

### **1. O particular-universal da *Bildung***

Buscacio relata que Curt Lange, tendo nascido no Velho Mundo, mais particularmente em Eilenburg, Prússia (atual Alemanha), no ano de 1903, pôde desfrutar de aprimorada formação cultural: “Ainda em seu país natal, diplomou-se em arquitetura pela Universidade de Munique, tendo também cursado cadeiras de filosofia (dedicando especial atenção aos escritos de Nietzsche), antropologia e etnologia. Mais ainda, veio a dominar a linguagem musical, através de estudos de piano, violino,

<sup>11</sup> Expressamos nosso agradecimento às indicações recebidas do Prof. Dr. Manoel Salgado Guimarães (*in memoriam*), as quais se mostraram cruciais para o reconhecimento da incidência do pensamento germânico (particularmente da concepção de *Bildung*) nas ciências humanas e na cultura ocidental. Registramos também nossa dívida intelectual para com o Prof. Dr. Antonio José Augusto, com quem travamos vários diálogos instigantes sobre as possibilidades teóricas interdisciplinares entre música e história.

harmonia, contraponto e composição” (Buscacio, 2009, p. 22-23).<sup>12</sup> Naquela pesquisa, também é afirmado que a amplitude dessa formação cultural pautava-se na concepção germânica de *Bildung*, termo costumeiramente traduzido em português como “formação”, “formação cultural” e, principalmente, “cultivo de si”.<sup>13</sup> No ideário germânico elitizado, a *Bildung* “[...] se impõe a partir da segunda metade do século XVIII, exprimindo, ao mesmo tempo, o elemento definidor, o processo e o resultado da cultura [...] o sentido do termo permanece razoavelmente fixo ao longo do século XIX” (Suarez, 2005, p. 193). Assim, a reflexão musicológica de Curt Lange, inclusive o americanismo musical, encontravam-se imbuídos dessa matriz teórica: “Em função do período de Guerra, Koellreutter (1915-2005)<sup>14</sup> e Lange saem da Alemanha, mas, obviamente a cultura germânica não os abandona. Os estudos das características dos seus projetos musicais demonstraram como a cultura pangermânica estava implícita nos discursos” (Arcanjo Júnior; Miranda, 2016, p. 107).

238

<sup>12</sup> Ver Moya, 2014, p. 9: “Também empreendeu, neste período, estudos em filosofia, antropologia, etnologia, grego e latim. Tal como Mário de Andrade, tornou-se um polígrafo”.

<sup>13</sup> Ver Marangon, 2013, p. 40: “Se *bilden* é desenvolver, inflamar, alimentar, nos termos de Ludovico Schelling [1775-1854], *bilden* equivale, numa palavra, a cultivar”. Para Alves, 2019, p. 3, “o termo *Bildung*, derivado de *Bild* (imagem), corresponde ao latim *formatio*, forma sendo o equivalente a *Bild*. Seu uso no sentido do cultivo do espírito remonta à mística renana do século XIV, em que designava a imagem de Deus que penetra no âmago do indivíduo e, assim, dá forma a sua alma. [...] Nos escritos de Mestre Eckhart [1260-1328], *Bildung* já aponta para a ideia de uma promessa a ser realizada e de um esforço do indivíduo para merecê-la, duas marcas que se manterão na história semântica posterior do conceito. Do círculo de Mestre Eckhart, o conceito passa para o luteranismo, assumindo um papel central na doutrina e na pedagogia dos pietistas”. O vocábulo foi paulatinamente adquirindo conotações secularizadas, no sentido acima descrito.

<sup>14</sup> Ver também Buscacio, 2009, p. 40-41: “Flautista e compositor alemão, estabeleceu-se no Brasil a partir de 1937. Introduziu o dodecafonismo no país e exerceu grande influência na vida musical brasileira, como compositor, professor e musicólogo. Através do movimento Música Viva, criado por ele em 1939, liderou um grupo de compositores, difundindo a importância da música como linguagem universal e combatendo o nacionalismo enraizado no folclore”.

## 1.1 A valorização do singular

A concepção basilar da *Bildung* era a de que, “no processo educativo, a reflexão racional não poderia estar desvinculada da sensibilidade estética; por tal premissa, beleza e verdade jamais entrariam em conflito” (Buscacio, 2009, p. 23). Mantendo vínculos com a noção de *paideia* grega e com a *humanitas* renascentista, a *Bildung* distingue-se, portanto, de uma noção mais restrita de “instrução” ou então de aprendizagem técnico-pragmática (Hermann, 2005, p. 61-62).

Um segundo e igualmente importante postulado da *Bildung*, destacadamente sistematizado por Herder,<sup>15</sup> era o de que quando expressões culturais muito variadas (um idioma, valores, expressões artísticas, percursos históricos etc.) tornavam-se compartilhadas por um “povo”, constituíam-se então em uma singularidade cultural – um mesmo “espírito” ou *Geist*, segundo o termo de época, desdobrado, em âmbito social, em uma nação, com traços distintivos das demais.<sup>16</sup>

É interessante observar que o ideal de *Bildung* não implicava num vínculo exclusivo ao passado ou ao popular-folclórico-rural. Embora tais aspectos tenham sido priorizados por algumas vertentes, a *Bildung* portava certa diversidade interna,<sup>17</sup> e alguns intelectuais e artistas for-

<sup>15</sup> Anthony Smith menciona sucessivas vezes a obra de Herder, indicando que o nacionalismo orgânico foi um postulado desenvolvido pela elite urbana (Smith, 2000, p. 9-10).

<sup>16</sup> Ver Duarte, 2004, p. 8: “Herder conferiu-lhe uma forma canônica ao lidar com a cultura germânica como um ente específico, menor que a Humanidade, mas certamente maior e mais expressivo que os entes individuais que compunham as populações de fala alemã. Aí estava um dos focos mais ativos da ideologia da nação moderna, assim como da noção contemporânea, antropológica, de ‘culturas’ específicas. Já em sua época, a oposição explícita se fazia contra o ideal da justaposição indistinta – indiferenciada ou igualitária – dos cidadãos, membros de uma Humanidade abstrata”.

<sup>17</sup> Uma das vertentes da *Bildung* enfatizava as supostas origens medievais do povo germânico, cujas reminiscências podiam ser encontradas nos relatos da mitologia nórdica; outra, tendo em Wilhelm von Humboldt (1767-1835) seu maior expoente, recorria à Grécia clássica para fundamentar os postulados de um neo-humanismo; já uma terceira corrente, encabeçada por Hölderlin (1770-1843) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), formularia uma crítica à modernidade a partir de contribuições da Grécia arcaica (Marangon, 2013, p. 40).

modos no bojo dessa concepção valorizavam distintas temporalidades, a exemplo de Curt Lange, que tornou o *Boletín Latino-Americano de Música* um veículo de defesa da música vanguardista latino-americana: “Por meio destes artigos e de partituras, editados a partir de 1935, os leitores interessados na dodecaфония puderam logo informar-se sobre seus fundamentos” (Fugellie, 2018, p. 171-172). Não casualmente, um dos professores de Lange, o musicólogo Georg Schünemann, conhecido como um pesquisador da canção folclórica germânica, uma figura-chave na renovação da educação musical neste país, foi também um divulgador da obra de Arnold Schönberg (1874-1951), um dos propugnadores do dodecafonismo (Montero, 1998).<sup>18</sup>

240 A concepção de *Bildung*, por sua vez, enlaçou-se com a estética romântica, ambas remetendo a um “cultivo” cultural, “[...] referência a processos subterrâneos que têm curso com uma certa independência, tematizados no romantismo sob o signo da imaginação poética. [...] Este ímpeto natural, poder vegetativo, busca de luz, embora incondicionado, merece cultivo, do contrário, tende a não se expandir, a não vingar” (Marangon, 2013, p. 40). O viés romântico<sup>19</sup> implicado na *Bildung* foi mencionado pelo próprio Curt Lange no artigo publicado na *Revista Brasileira de Música*:

<sup>18</sup> Em paralelo, escritos de Schünemann permitem inferir sua afinidade ao ideal da *Bildung*, como o extrato transcrito a seguir: “A educação conduz, através da arte e da música, à formação harmoniosa da personalidade e a uma nova vida e índole em comunidade, que estão muito acima de todas as questões profissionais e de utilidade [prática]” (apud Gerhard, 2000, p. 143: “*Die Erziehung führt über Kunst und Musik zur harmonischen Bildung der Persönlichkeit und zu einer neuen Lebens- und Wesensgemeinschaft, die weit über allen Nützlichkeiten und Berufsfragen steht*”).

<sup>19</sup> Em rápida síntese e sem desconsiderar sua diversidade interna do romantismo, assim se exprime o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte (2004, p. 7): “As denúncias dos ‘males da civilização’ começaram a ser veiculadas quase ao mesmo tempo em que se compunham os hinos à sua vitória. [...] Esse tom já se encontra presente em movimentos artísticos como a novela sentimental inglesa e o *Sturm und Drang* alemão do século XVIII, assim como em uma boa parte da obra de J.-J. Rousseau [1712-1778] – um notório iluminista, no entanto. É inseparável dessa reação o movimento de revalorização da natureza e do mundo rural – num momento em que o artifício industrial e o modo de vida urbano envolviam cada vez mais rapidamente as populações”.

A inspiração em motivos nacionais já se iniciou há tempos e é mais um fenômeno do romantismo do que a restrição dos horizontes artísticos de nossos dias. [...] Refiro-me à luta desencadeada entre a cidade capital e ao interior, entre a civilização procedente da Europa e dos Estados Unidos, como manifestação da comodidade baseada nos progressos técnicos, e a lenta formação de uma ideia política, social e artística eminentemente nacional ou continental (Lange, 1935, p. 99-100).

Em tal enunciado, Curt Lange também aponta para a contraposição que então perdurava entre a singularidade cultural germânica e uma ótica universalista civilizatória, disseminada pelo Iluminismo francês (mas que também portava adeptos na *Aufklärung* kantiana). Tal dissociação tornou-se, inclusive, tema central do estudo acadêmico do sociólogo judeu-alemão Norbert Elias, *O processo civilizador* (*Über den Prozess der Zivilisation*), editado na Suíça (em função do estado de conflito na Europa) em 1939.<sup>20</sup>

É muito interessante observar que Curt Lange projeta, no subtítulo de seu artigo, o americanismo musical como elemento de contribuição para formulação de “uma futura sociologia musical latino-americana”. Pode-se supor que enquanto Norbert Elias concebia a sociologia em faceta multidisciplinar, com especial ênfase na abordagem histórica,<sup>21</sup> Curt Lange considerava a “sociologia musical” (saber sobre o qual ele não mais se refere, no corpo do artigo) como uma reflexão em bases científicas acerca do processo civilizatório na América Latina a partir da produção musical, capaz de articular o particular do continente com o universal da cultura humana.

241

<sup>20</sup> Tozzi, 2013, p. 129: “A comunidade científica voltou sua atenção a [esse] trabalho somente em 1969, quando da nova edição alemã. Vieram então as traduções francesa (1973-75), inglesa (1978) e italiana (1982-83). No Brasil (1990 e 1993), sua publicação seguiu o formato da tradução inglesa, com subtítulos distintos: o volume I, *O processo civilizador: uma história dos costumes* e o volume II, *O processo civilizador: formação do estado e civilização*”. Norbert Elias já havia publicado o livro *A sociedade de corte*, “desenvolvido na Universidade de Frankfurt, quando, então, foi aluno assistente de Karl Mannheim, e concluído no início dos anos 1930”.

<sup>21</sup> Norbert Elias era filósofo de formação, mas formulou grande parte de seu pensamento no campo da sociologia, disciplina de constituição ainda recente nas primeiras décadas do século XX e de fronteiras em consolidação. Ele considerava que tal saber favorecia a interpretação dos vínculos entre as ações dos indivíduos, suas concepções e as configurações sociais.

Não obstante, mais do que a sociologia, foi a antropologia a disciplina que mais diretamente inspirou-se no pensamento germânico e igualmente “pode ser considerada herdeira de dimensões essenciais do romantismo”; a abordagem de um seus pais fundadores, Franz Boas, a quem pode ser creditada a “ideia da pluralidade de culturas como objeto da análise comparada antropológica” (Duarte, 2004, p. 15), alinha-se decisivamente à ênfase aos aspectos culturais singulares adotada por Curt Lange e implícita ao ideário da *Bildung*<sup>22</sup>: “O texto inaugural da revista [*Boletín Latino-Americano de Música*], *Arte Musical latino-americano, raza y asimilación* trazia no bojo a influência culturalista de Franz Boas. Era um momento de ruptura com os postulados do mesologismo evolucionista em prol da determinação cultural que deveria ser sempre considerada desde suas perspectivas locais” (Machado Neto, 2010, p. 70).<sup>23</sup>

## 1.2 Identidade e organicidade como ressignificações do universal

242

Cabe apontar, todavia, que a dimensão universalista – e não apenas a singularizante – encontrava-se igualmente presente no ideário germânico do século XIX, matriz teórica da formação de Curt Lange. Assim, por exemplo, “Goethe [...] elabor[ou] uma concepção de cultura universalista, pan-nacionalista que pode ser observada em seus escritos sobre arte” (Britto, 2012, p. 218). Em paralelo, é importante notar que o próprio pensamento romântico continha vínculos à dimensão universal:

[...] a primeira grande característica do romantismo, como eu aqui o defino: resistência e denúncia do universalismo e de seus corolários racionalista e fisicalista. Ou seja, não há como compreender esse movimento sem considerá-lo tecnicamente englobado pelo universalismo. Justamente por se opor a ele termo

<sup>22</sup> “A concepção de cultura na formulação de Boas é o resultado da combinação dos sentidos de *Kultur* e *Bildung*, ou seja, um misto de criação da mente com sensibilidades do coração” (Rocha, 2017, p. 19).

<sup>23</sup> Segundo a antropóloga Margarida Moura, “A antropologia inaugurou com Boas a noção de *Bildung* no trabalho de campo, como um envolvimento assumidamente afetivo com os sujeitos humanos estudados, e a noção de *Kultur* no sentido da definição do objeto e da demarcação do campo de estudos. Ele fez isso afirmando simultaneamente o valor afetivo da observação e o valor intelectual da percepção” (Moura, 2004, p. 272-273). Também transcrito por Rocha, 2017.

a termo e sistematicamente, dele depende ontologicamente a cada passo. Como a força da crítica romântica jamais abateu a pujança do ideal universalista dentro de nosso horizonte ideológico, embora tenha contribuído para tornar seus efeitos infinitamente mais complexos, é preciso reconhecer que as duas forças passaram desde o início a operar em tensão permanente. (Duarte, 2004, p. 8)

O aparente binômio particular-universal era então aglutinado, nesse viés romântico-germânico, sob o ideário da identidade (e não da uniformidade) cultural, como procedeu Herder em seus dois ensaios sobre a história,<sup>24</sup> assim como em outros escritos: “para se ser o que se deve ser não é preciso ser-se nem judeu, nem árabe, nem negro, nem selvagem, nem mártir, nem peregrino, mas que basta ser precisamente o homem esclarecido (*aufgeklärt*), instruído, delicado, racional, cultivado, virtuoso e desfrutante que Deus exige neste grau de cultura que é nosso” (Herder apud Gómez, 2011, p. 3). Essa concepção foi inicialmente difundida, no bojo da *Aufklärung* germânica, de forma associada ao projeto de criação de um estado alemão unificado e que estivesse baseado em instituições representativas e em um governo constitucional: “A despeito da repressão reinante, da censura e das restrições políticas, a intelligentsia germânica acreditava no triunfo do liberalismo. Afinal viviam um momento de rápido desenvolvimento econômico, cultural e científico que alimentava sentimentos patrióticos de integração, sedimentados no pressuposto de uma identidade histórica e cultural comum acompanhada pelas alianças econômica – o *Zollverein* – e política – a *Deutschesbund*” (Bentivoglio, 2010, p. 49). E ainda que posteriormente o surgimento do Estado alemão tenha sido promovido pela via da centralização política autoritária e da força das armas, sob a liderança de Otto von Bismarck, a noção de identidade continuou a ser empregada: esse Estado seria fortalecido pelo reconhecimento da identidade nacional (com suposta partilha da mesma cultura, idioma, percurso histórico...), e esta, por sua vez, seria qualificada pelas faculdades morais e intelectuais dos indivíduos que a integram – e daí a importância da *Bildung* para seu aprimoramento.

243

<sup>24</sup> *Uma outra filosofia da história para educação da humanidade (Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit, 1774)* e *Ideias para a filosofia da história da humanidade (Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit, 1784-1791)*.

De forma conjunta, a concepção de história de Herder portava um viés organicista, distinta da representação do mundo como “uma vasta máquina da qual os indivíduos eram apenas engrenagens governadas por uma implacável burocracia estatal”; leitor de Leibniz, Herder contrapunha-se à visão mecanicista difundida pelo modelo newtoniano (Alves, 2019, p. 5), e percebia no “espírito do povo” (*Volksgeist*) a unidade orgânica coletiva da história, cuja existência precedia e conformava o indivíduo: “o patrimônio cultural de uma época era a criação de um povo inteiro, produto de uma atividade constante transmitida de geração em geração, que permanece através das mudanças, todavia animada por um espírito comum onde se expressa a alma do povo” (Goméz, 2011, p. 9-10).

Todavia, a interpretação de Herder sobre o processo histórico não obteve aprovação da maioria dos historiadores dos séculos XIX e primeira metade do XX, que embasados em uma ótica iluminista francesa, desenvolvida emblematicamente por Voltaire, pensavam a história sob um prisma civilizatório evolucionista, direcionado a um progresso inquestionável.

244

Uma primeira leitura do artigo de Curt Lange de 1935 poderia remeter a um alinhamento deste autor bem mais à vertente francesa do que à concepção de *Bildung* e de história germânicas, pois ele não hesita em expressar uma concepção temporal vinculada a noções de “evolução” e mesmo “destino”. Assim, Curt Lange afirma que

Nosso continente tem um passado que nos honra e muito embora dele não nos restem senão pobres vestígios, temos, em compensação, a conquista, um pouco mais recente, cujo desenvolvimento ficou paralisado durante mais de cem anos, mas que marcha vitoriosamente, de acordo com a lei da natureza, para novas metas e novos destinos. [...] O homem evolui e não se conhece a repetição de épocas culturais, nem a vulgar cópia as ideias de determinado período” (Lange, 1935, p. 94).

Lange chega a elaborar uma periodização cultural latino-americana, que teria como marco fundador as culturas maia, asteca e inca, “ou seja, a arte autóctone”; passaria pela constituição de uma cultura popular, sem maiores separações “da classe trabalhadora da produtora [...] no campo e nos subúrbios, e social, no ambiente de uma coletividade pequena”, sofreria

um processo de amálgama aos padrões europeus (com “influências italianas, francesas, alemãs e, em muitos casos, espanholas e russas [...] também o *jazz* norte-americano”); procederia, enfim, na época em que Curt Lange escrevia seu artigo, a um retorno ao trópico – “aparece subitamente o fenômeno do retorno ao solo primitivo” (Lange, 1935, p. 98-99).

A musicologia internacional e brasileira, inclusive, destacou a presença de uma ótica evolucionista embasando os escritos Curt Lange. Assim, Barbara Alge, pesquisadora do Instituto de Musicologia da Universidade de Frankfurt, postulou que “o trabalho de Lange reflete um eurocêntrico, evolucionista, perspectiva positivista, comparativa, colonialista e levemente nacionalista – típica para o espírito da musicologia alemã do início do século xx, que Lange havia absorvido durante seus estudos na Alemanha por volta de 1920” (Alge, 2014, p. 18).<sup>25</sup> Também Paulo Castagna considerou que “apesar da enorme contribuição de Curt Lange na expansão da musicologia enquanto atividade científica no Brasil, bem como na ampliação dos horizontes da história da prática musical brasileira, seus trabalhos foram essencialmente orientados por uma historiografia positivista, evolucionista e eurocêntrica, com manutenção do interesse biográfico e muito mais ênfase nos compositores do que em sua música” (Castagna, 2008, p. 37).

245

De maneira geral, o evolucionismo, que incidiu profundamente tanto sobre a epistemologia das então chamadas “ciências da natureza” como nos saberes anteriormente associados às “humanidades”, pode ser caracterizado como uma conferência de sentido ao real sob o viés da continuidade temporal: assim, tudo que existe estaria vinculado a um passado por dinâmicas sucessivas de aprimoramento. Tal processo também comportaria, por um lado, mudanças e até rupturas, com emergência de novas realidades inorgânicas e orgânicas, culminando na condição humana; por outro lado, a extinção de situações e espécies que

<sup>25</sup> “*Lange’s work reflects a Eurocentric, evolutionist, positivistic, comparative, colonialist and slightly nationalist perspective—typical for the spirit of early twentieth-century German musicology, which Lange had absorbed during his studies in Germany around 1920*”.

não tiveram prosseguimento nessa cadeira evolutiva. O tempo, por sua vez, era entendido como uma totalidade homogênea, passível de contabilização cronológica e divisão por períodos geológicos, históricos e culturais. Ademais, o evolucionismo costumeiramente culminava numa ótica de cunho progressista-civilizatório: a sequência temporal da experiência humana no mundo tenderia, teleologicamente, ao refinamento da razão, das forças produtivas, da cultura e da arte, ainda que de forma descompassada entre os diferentes povos que habitavam o planeta. Competiria à ciência, vista como conhecimento neutro e objetivo (e não manipulado por disputas políticas e interesses econômicos) assegurar a paulatina implementação dessas conquistas a toda humanidade.

246 Porém, nesta releitura do artigo de Curt Lange, consideramos cabível aproximá-lo de uma concepção de história desdobrada da *Bildung* herderiana, e não iluminista ou cientificista. Efetivamente, as nuances são sutis. Por um lado, a obra de Herder, embora também comporte a noção de progresso, não a desvincula da condição de finitude, de fencimento das realizações humanas, assumindo a mutabilidade como a única recorrência possível na história. Percorrendo-se a sequência de ideias contidas em *Uma outra filosofia da história para educação da humanidade*, pode-se destacar, inicialmente, a concepção de Herder acerca da origem monogênica da espécie humana. Mas a partir dessa origem única, Herder traça a multiplicidade dos vários povos, cada um deles surgido a partir de uma modificação da herança cultural elaborada pelos anteriores: os antigos patriarcas, os egípcios, os fenícios, os gregos... Nesse sentido, a filosofia da história formulada por Herder pode ser entendida como uma conexão de experiências distintas, mas articuladas ao longo da temporalidade. Em tal processo da história dos povos entremeiam-se, de forma não excludente, as “virtudes” e os “vícios” das diferentes culturas, isto é, as contradições e extrapolações inerentes a cada formação sócio-cultural, distanciando-se de balizas evolucionistas (Buarque, 2003, p. 59-60).

Tal encadeamento era nominado por Herder justamente como “destino”: “não em vão está escrito desde o principio [...] que a educação,

e a perfeição de uma nação, nunca é outra coisa que obra do destino, resultado do concurso de mil causas, por assim dizer, o elemento total no qual vivem” (Herder apud Gómez, 2011, p. 10). Desse modo, “o conceito de destino abarcava desde a causalidade até a divindade, desde a pequenez terrena até o transcendental” (Gómez, 2011, p. 10).

O artigo de Lange publicado na *Revista Brasileira de Música* alinha-se, portanto, a essa abordagem herderiana: “A vida começou nos trópicos; sob o sol ardente destas latitudes formaram-se as primeiras e grandes culturas milenárias, das quais só nos restam vestígios pobres, pálidos reflexos de um passado que adivinhamos. É a situação ideal de vosso país, que o predestinou a servir de apoio a um intenso movimento, a uma nova cultura, a uma nova humanidade” (Lange, 1935, p. 112). E seriam esses “vestígios pobres” que potencializariam o surgimento de uma cultura latino-americana: seriam eles “[...] as civilizações maia, asteca e inca, com uma arte perfeitamente definida, rica em expressão e sugestiva ao extremo, não somente para a nossa geração – que, desorientada pelas correntes atuais poderia inspirar-se no passado –, mas também para o futuro” (Lange, 1935, p. 97).

247

Ademais, um segundo ponto de ligação entre a reflexão de Herder (e dos adeptos da *Bildung* de forma geral) e aquela desenvolvida por Curt Lange é a modalidade da função conferida ao Estado no campo cultural. Em contraposição à filosofia iluminista e mesmo à *Aufklärung* kantiana, que atribuía um papel eminente ao Estado, Herder não considerava que a autoridade governamental fosse o vetor da civilização. Para ele, cada individualidade (pessoa, povo, nação, época histórica) portava um valor singular e deveria desenvolver-se de forma própria, a fim de realizar todas as suas potencialidades e inclinações; uma sociedade deveria, portanto, estar pautada nessa relação recíproca entre o aprimoramento individual e atuação social e comunitária empreendida a partir dessa formação pessoal. Esta também era a concepção de Humboldt: cultivar-se a si mesmo, esforçar-se por promover um auto-aperfeiçoamento, era a concepção pedagógica norteadora da Universidade de Berlim, segundo a qual o Estado poderia ser um colaborador, mesmo um financiador, mas

não o agente direcionador das ações e concepções de uma educação que, simultaneamente, não deveria ser norteadas por princípios utilitaristas de atuação profissional (Alves, 2019, p. 5-6).

Curt Lange, de forma similar, considerava imprescindível que existissem políticas públicas que favorecessem a integração cultural latino-americana, mas sem que o Estado capitaneasse tal processo:

A renúncia a tudo que seja oficial ou governamental é comum entre os artistas. Em realidade, também a arte, desde que surgiu em nosso Continente, esteve sujeita ao beneplácito dos respectivos governos e à indispensável cor política daqueles que desejavam ocupar um posto oficial. [...] Apesar disso, no que respeita a nossos países, vemos mudanças afortunadas, porque já se compreendeu que levar a política ao terreno artístico significaria uma paralisação da evolução cultural, artística e científica da própria nação. [...] Não obstante, é impossível caminhar sem rumo e sem uma política de arte, sadia de sentimentos e valores, onde quer que estejam, principalmente no caso de não terem a devida compreensão de suas pátrias. [...] nada de guerra aos governos, porém realizações que cheguem a convencê-los e que culminem em mútua colaboração, edificante, cheia de esperanças e satisfações para a pátria e para o Continente” (Lange, 1935, p. 111).

248

Em paralelo, recentes estudos historiográficos indicam que as correntes evolucionistas e eurocêntricas continham significativas diferenças. A leitura hegemônica do evolucionismo ocorreu pela apropriação da teoria da seleção natural por correntes do darwinismo social, especialmente a partir da divulgação do pensamento de Herbert Spencer e sua ênfase na sobrevivência do mais apto. Mas outras abordagens também circulavam, como o historicismo, que tendo surgido em contraposição à crítica racional-iluminista à tradição do Antigo Regime, enfatizava a noção de transformação histórica, de mudança basilar nos fundamentos e na ordenação dos poderes vigentes. Emergia assim um novo “regime de historicidade”, uma nova forma de consciência histórica, a qual, por sua vez, várias vezes mesclou-se ao entendimento evolucionista das relações sociais, o que dificulta o emprego de termos muito gerais para configuração do ideário do período oitocentista, como indicado por Mark Bevir<sup>26</sup>:

<sup>26</sup> Professor de Ciência Política e Diretor do Center for British Studies da Universidade da Califórnia, Berkeley.

[O] historicismo desenvolvimentista emergiu na gama de variados modos de pensamento, incluindo a teorização evolucionária, as histórias conjunturais *Whig* derivadas do Iluminismo escocês, do romantismo e do idealismo associados, sobretudo, a G. W. Hegel, e a uma ênfase organicista mais ampla na habilidade dos seres humanos em estabelecer instituições sociais agindo em acordo com o propósito, o pensamento e a imaginação. [...] Os historicistas desenvolvimentistas contavam narrativas de continuidade e progresso baseados em princípios teleológicos e materiais, como o ego, a nação, a razão e o espírito (Bevir, 2015, p. 13).

Logo, o pensamento de Curt Lange sobre o “destino” latino-americano parece manter mais afinidade com o historicismo e mesmo com a *Bildung* herderiana do que com o evolucionismo cientificista do século XIX e início do XX.

## 2. O particular-universal da América Latina

Mas por que a prevalência da América Latina e, especificamente, do Brasil, nesse entendimento do universal enlaçado ao particular? É patente que Curt Lange considerava desnecessário que os países americanos seguissem padrões culturais europeus:

Há muita gente que só acredita na cultura oriunda de zonas temperadas. Para esses o trópico só produz obras de pouca consistência, de vida efêmera, procedentes de espíritos desequilibrados ou semi-selvagens. Também sob o aspecto antropológico surgiram certos preconceitos, pensando-se que somente os homens de tez branca – dotados do grande potencial de engenho provenientes de germânicos e anglo-saxões – eram capazes de evolução e aperfeiçoamento. Nossos sociólogos, em grande parte, já demonstraram o contrário, e de qualquer lado encontramos, facilmente, elementos que provam o acerto de suas observações (Lange, 1935, p. 96).

O interesse pela América Latina manifestou-se muito cedo na vida de Curt Lange. Sabemos que em sua mocidade, em Bremen (atual Alemanha), o jovem Lange (que fora registrado como Franz Kurt) auxiliava o pai, que era engenheiro acústico e fabricante de pianos, dedicando-se à produção desse instrumento para uso em regiões tropicais<sup>27</sup> (Alge, 2014, p. 11). Ao final da década de 1920, Lange decidiu imigrar para a América Latina,<sup>28</sup> incentivado pelo romanista Karl Vossler (1872-1949),

<sup>27</sup> Curt Lange, no período, também dedicava-se à afinação de pianos.

<sup>28</sup> Curt Lange imigrou, muito provavelmente na companhia de seu pai, Franz Josef

seu amigo e professor de linguística, possivelmente em função da intensa crise econômica do pós-Primeira Guerra Mundial.

Após passagem pela Argentina, Curt Lange estabeleceu-se em Montevideu, capital uruguaia, em 1930, ao receber convite governamental para reorganização da área musical deste país: “Colaborou com o Serviço Oficial de Difusión Radio Electra, SODRE, que havia sido criado em 1929, organizando a Discoteca Nacional que daria suporte à programação musical da emissora [...]. Logo naturalizou-se uruguaio, adaptando seu nome de batismo para Francisco Curt Lange, e casou-se com Maria Luísa Vértiz, filha de um fazendeiro que explorava um moinho de fubá, [...] com quem teve dois filhos” (Moya, 2014, p. 28).

250 Nesse transcurso de tempo, os fascismos fortaleceram-se na Europa, com disseminação de conflitos armados para outros continentes, eclodindo, em 1939, a Segunda Guerra Mundial. Em tal conjuntura, a América Latina apresentava-se como uma alternativa político-cultural de grande valia, pois ainda que alguns governos manifestassem simpatia pelos totalitarismos europeus (como o Estado Novo de Vargas) as Américas eram tidas como salvaguardas da democracia. Essa consideração, por sua vez, desdobrava-se na valorização de “todas as culturas não-europeias e tradições nacionais. Assim, a situação política internacional deu aos países do Hemisfério Ocidental uma razão adicional para explorar suas próprias culturas e investigar a noção de uma distinta cultura ‘americana’” (Pernet, 2014, p. 22).

Imbuído de lógica similar, no curto espaço de cinco anos entre sua chegada ao Uruguai e a publicação do primeiro tomo do *Boletín Latino-Americano de Música*, Curt Lange debruçara-se sobre a produção musical de diferentes países da América Latina, enquanto também formulava a concepção de “americanismo musical”:

Lange, que faleceu em Minas (Uruguai) em 1925, mesma cidade onde Curt Lange conheceu sua futura esposa, Maria Luisa Vertiz (Alge, 2014, p. 12). Contudo, a mãe e o irmão de Curt Lange continuaram a residir em Bremen, o que favoreceu a continuidade dos vínculos deste musicólogo com a sociedade e a cultura alemãs (Alge, 2014, p. 18).

O que nos conforta é o fato de que a estilização de melodias e danças populares, isto é, o sentimento psíquico de uma nação refletido através de sua música, cativa-nos imediatamente, seja um *son* cubano, um *pasillo* do Equador ou da Colômbia, uma canção mexicana, um *bailecito norteño*, um *huayño*, uma *zamacueca*, *vidala*, *zamba*, maxixe ou tango. [...] Tomemos em consideração um fator importante: que em muitas regiões europeias a maior parte da música artística ou popular proveniente de outros países não agrada, e a de nosso continente é sentida ou ouvida como manifestação exótica. [...] Nesse sentido, confessemos-lo, levamos uma grande vantagem sobre os auditórios europeus. Nossa visão, devido a uma cultura mais universal, distingue-se por sua amplitude [...] Em uma palavra, a maneira de sentir de nosso continente, bem como sua educação geral, são, pois, mais complexos e se aproximam mais do universal, isto é, daquelas regiões que a humanidade deseja escalar para ser melhor, mais compreensiva, mais sã, mais objetiva e menos perversa (Lange, 1935, p. 100).

O realce à cultura latino-americana, tida como pujante de possibilidades criativas, as quais incidiam sobre as maneiras de ser e de agir da população, não consistia, porém, em expressiva novidade. Desde o final do século XIX emergiam ideários pan-americanistas, em paralelo aos “panismos” de outros continentes,<sup>29</sup> que “tinham como proposta básica reunir, em torno de um centro dominante, países, povos ou comunidades de parentesco vinculados às questões étnicas, linguísticas ou culturais” (Castro, 2012, s.p.).<sup>30</sup> Aliás, a expressão “América Latina” difundiu-se a partir de seu emprego por intelectuais franceses durante a intervenção no México por parte desse país entre 1862-1867, sob o reinado de Napoleão III:<sup>31</sup> segundo seus argumentos, haveria uma afinidade cultu-

251

<sup>29</sup> Pode-se citar como exemplo o pan-islamismo.

<sup>30</sup> Um exemplo da circulação do ideário pan-americano ao final do século XIX, geralmente de forma apologética, encontra-se nas publicações Rodó, Jose Enrique (1871-1917). *Ariel: breviário da juventude*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933 (primeira edição de 1900), e Martí, José (1853-1895). *Nossa América*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991 (primeira edição de 1891).

<sup>31</sup> Ver Prado, 2014, p. 626: “[...] para assegurar e ampliar os seus interesses, a França, sob Napoleão III, ordenara a invasão do México, em 1862, em consórcio com Espanha e Inglaterra, a fim de cobrar dívidas não saldadas pelo governo de Benito Juárez. Poucos meses depois, a Espanha e a Inglaterra se retiraram, deixando os franceses sozinhos. Entretanto, a França levou avante seu projeto imperial, articulando – com grupos monárquicos do Partido Conservador mexicano – a coroação, em 1864, do arquiduque Maximiliano de Habsburgo, irmão do imperador austro-húngaro Francisco José

ral e linguística entre os povos americanos, colonizados por países que, assim como a França, portavam raízes latinas (provindas do legado do Império Romano), e que teriam na França o referencial civilizatório a ser seguido. Todavia, a expressão já era utilizada por escritores hispano-americanos, alguns dos quais residiram por algum tempo em Madrid e Paris (Bethell, 2009, p. 289-290). No Brasil, o pan-americanismo foi contemporâneo ao movimento republicano:

O Manifesto Republicano de 1870 começa com as seguintes notórias palavras: “Somos da América e queremos ser americanos”. Para os republicanos, o Brasil era “um país isolado”, infelizmente separado das repúblicas hispano-americanas não só pela geografia, história, língua e cultura, mas também pelo seu ponto de vista imperial/monárquico da forma de governo. Esse fato também separava o Brasil dos Estados Unidos. Com a Proclamação da República em 1889, o Brasil começaria a desenvolver relações mais próximas com alguns vizinhos hispano-americanos, principalmente a Argentina e o Chile. Ao mesmo tempo, no entanto, o Brasil se tornou mais próximo ainda dos Estados Unidos e se tornou árduo defensor do pan-americanismo (Bethell, 2009, p. 295).

252

Efetivamente, o pan-americanismo não deixou de ser apropriado politicamente pelos Estados Unidos, que “passaram a privilegiar a temática da colaboração, ao invés da intervenção armada, entre países do continente, sob os auspícios de uma política então conhecida sob o título de *good neighbor* ou ‘boa vizinhança’” (Buscacio, 2009, p. 238). Assim, durante a administração Roosevelt, que presidiu os Estados Unidos entre 1933 e sua morte em 1945, o pan-americanismo tornou-se um foco relevante da política externa norte-americana, tendo sido constituída, em 1938, a Cultural Division of the State Department (Divisão Cultural do Departamento de Estado).

Uma das estratégias diplomáticas adotadas pelos EUA para fortalecer sua presença na América Latina era a massiva divulgação cultural, “que reforçaria, ideologicamente e comercialmente, a produção norte-americana, dos filmes de Hollywood aos produtos da ‘*american way [of] life*’” (Beraba, 2005). Nesse contexto, a contrapartida da exibição

1, como monarca do Império mexicano. As tropas francesas que sustentaram com as armas esse governo foram derrotadas pelos liberais mexicanos liderados pelo presidente Benito Juárez”.

de produções latino-americanas nos Estados Unidos adquiria, muitas vezes, uma proporção desigual, sendo minoritária perante a exportação cultural norte-americana e empregada para fins propagandísticos da política da “boa vizinhança”. Mesmo assim, os investimentos norte-americanos para fins culturais eram alvo de acirradas disputas internas entre artistas e intelectuais dos diferentes países do continente. Em decorrência, tensões entre o pan-americanismo capitaneado pelos Estados Unidos e o americanismo musical proposto por Curt Lange não tardavam a aparecer: “Como revista líder na América Latina, o *Boletín* logo teve repercussão no exterior, pois tinha assinantes em quarenta e seis países. No momento em que os Estados Unidos entraram na arena de estudos de folclore, as redes entre os proponentes do americanismo musical na América Latina já estavam em curso” (Pernet, 2014, p. 30). Não obstante, o compositor e musicólogo Charles Seeger (1886-1979), que veio a integrar o Comitê Consultivo da área de Música da Divisão Cultural do Departamento de Estado, bem como o Comitê de Musicologia do Conselho Americano das Sociedades Acadêmicas, não via

253

[...] nenhuma contradição em dizer que as fontes musicais da América Latina estavam ‘desorganizadas’, ao mesmo tempo em que tentava desesperadamente convencer o uruguaio Francisco Curt Lange a deixá-lo a organizar, na qualidade de editor convidado, uma edição especial do renomado *Boletín Latino-Americano de Música*, dedicada à música dos Estados Unidos. Sobretudo, o poder dos EUA e seu desejo de estar no centro das iniciativas culturais se demonstrou palpável quando se decidiu estabelecer o Inter-American Music Center (Centro Inter-Americano de Música) em Washington, D.C., ignorando completamente o Instituto Interamericano de Musicología em Montevidéu, fundado anteriormente por Lange (Pernet, 2014, p. 37).

É interessante observar que Curt Lange reporta-se, em uma nota de rodapé contida no parágrafo em que elogia as contribuições da Espanha e de Portugal na constituição cultural da América, que considera mais proeminentes do que aquelas provindas da Inglaterra, da França e da Holanda, ao livro *A ilusão americana* (1893) de Eduardo Prado (1860-1901). Este intelectual foi um anti-republicano fervoroso,<sup>32</sup> o que

<sup>32</sup> Ver Vieira, 2008, p. 25: “O livro foi considerado proibido e confiscado pela polícia de São Paulo, por ordem do Marechal Floriano Peixoto em 2 de dezembro de 1893.

poderia fazer tal menção por Lange soar como paradoxal – contudo, em sua defesa da monarquia brasileira, Eduardo Prado também criticara uma possível hegemonia cultural e simbólica norte-americana sobre o Brasil.<sup>33</sup> Note-se que o título do artigo que Curt Lange publicou no primeiro tomo do *Boletín – Arte musical latino-americano, raza y asimilación* – era justamente uma paráfrase do livro de Eduardo Prado.

Defendendo a especificidade de sua proposta (e seu próprio lugar de fala, como protagonista do americanismo musical), Curt Lange buscou articular-se com intelectuais e artistas de diferentes países. Em termos teóricos, ele mantinha afinidade, como indicado várias vezes em seu artigo de 1935,<sup>34</sup> com o filósofo mexicano José Vasconcelos, que atuou como Ministro da Educação de seu país:

Os que estudam com alguma atenção a evolução latino-americana devem ter notado que se produziu, de um seculo para cá, especialmente nos últimos trinta anos, uma transformação etnológica muito grande. Constatamos não somente

254

Após este fato, Eduardo Prado exilou-se na França de onde passou a combater duramente o novo regime através de artigos em jornais e revistas. [...] Morreu aos 41 anos, vitimado pela febre amarela, quando retornava ao Brasil em 1901”.

<sup>33</sup> Ver Vieira, 2008, p. 25: “Segundo o pensamento de Eduardo Prado, não havia nenhum sentimento de fraternidade que pudesse unir as duas nações. No seu modo de entender, o Brasil e os Estados Unidos estavam irremediavelmente separados. Nesse sentido, o ideal de fraternidade americana não passava de uma mentira e, assim, transplantar o modelo norte-americano seria, em sua visão, um grande erro que traria confusão e desordem. [...] o livro de Eduardo Prado representa a primeira obra a trazer uma visão antiamericana, muito antes de serem desfraldadas as bandeiras contra o imperialismo ianque”.

<sup>34</sup> Curt Lange cita como referência o livro *Indología*, de José Vasconcelos, obra por ele publicada em 1926, durante seu exílio em Barcelona, “depois de haver deixado o posto de ministro e perdido as eleições para o governo do Estado de Oaxaca [...]”. O livro reúne “sete conferências sobre a cultura ibero-americana [...]”, além de “um prólogo de 58 páginas, em que o autor anunciava suas conferências como uma ampliação do que havia tratado em *La raza cósmica*”, livro editado em 1925, também no exílio. Nesse primeiro livro, Vasconcelos indicava que a “quinta raça – a raça cósmica – surgiria como uma civilização refinada, que responderia aos esplendores da uma natureza generosa e cheia de potencialidades. Conquistado o trópico pela ciência, a terra da promessa – Brasil inteiro, Colômbia, Venezuela, Equador, parte do Peru e da Bolívia e a região superior da Argentina – seria uma realidade” (Crespo, 2003, p. 190 e 204).

um rápido crescimento da população, a revelação cada vez mais definida da personalidade de cada uma das respectivas nações, mas também uma corrente pronunciada que se dirige para o trópico e consegue ocupar, em seu movimento difusor, a maior parte do mesmo. Vasconcelos qualificou-a de *volta ao trópico*, ou seja, volta a uma terra que em outros tempos fora berço de grandes civilizações, regaço materno de magníficas culturas (Lange, 1935, p. 94, grifo do autor).

Para Vasconcelos, o “trópico americano” seria o *locus* sócio-cultural capaz de constituir uma “identidade fora dos padrões europeus”, uma “identidade mestiça”, a qual, por sua vez, não abdicaria de sua condição de herdeira da Europa (sobretudo da Europa latina), bem como mantivesse seus valores ancorados na moral cristã (Ascenso, 2013, p. 306). O americanismo musical, que Curt Lange compartilhava, entre outros, com José Vasconcelos, igualmente propugnava a promoção de uma cultura simultaneamente universal e particular: “Tratando-se de uma corrente essencialmente latina que motivou este tão transcendente e histórico movimento de volta ao trópico, procuraremos justificar e salientar, brevemente, sua solidez [...] ao estabelecer novas coletividades humanas e uma nova cultura, saída do solo que lhes ofereceu nutrição e abrigo” (Lange, 1935, p. 34-35).

255

Dois fatores, no entender de Curt Lange, contribuíram decisivamente para a atribuição desses contornos universais-particulares à cultura latino-americana: a ocorrência da mestiçagem, com predomínio de mestiços entre os músicos do período colonial da América Portuguesa, e a ambiência tropical, numa confluência de fatores naturais vivificadores da cultura.

Lange mencionava, em seus escritos, a presença operante de uma “raça mestiça” na América: “Nunca devemos esquecer que a América Latina constitui, de algum tempo para cá, uma raça tão homogênea como qualquer outra deste mundo” (Lange, 1935, p. 96). Para constituição de tal “raça”, seria fundamental que os diferentes grupos étnicos se interpenetrassem: “Como consequência de uma situação etnológica especial, formava-se uma arte que tinha como característica as recordações e o ascendente racial da Península Ibérica, assimilando-se simultaneamente, com mais facilidade que hoje, a idiosincrasia do nativo”

(Lange, 1935, p. 98). Tal interpenetração englobaria, inclusive, aqueles provindos da imigração recém-chegada:

[...] o processo de transformação do estrangeiro em um ser que viva integralmente, de corpo e alma, para a nossa sociedade, deve realizar-se de uma maneira intensa, lenta e progressiva. Além disso, é justo pedir que essa convivência com a nossa mentalidade e o nosso espírito seja fomentada e cultivada nos filhos, voluntariamente ou por imposição do Estado. Isto não implica no abandono da cultura europeia trazida pelo imigrante; ao contrário, o seu cultivo pode ser feito simultaneamente, figurando, porém, em segundo lugar (Lange, 1935, p. 102).

Justamente dessa “raça mestiça” resultaria um americanismo musical simultaneamente particular e universal: “É fora de dúvida a constituição futura de uma raça nova, resultante da fusão de todos sangues imagináveis, com horizontes mais amplos, perspectivas maiores e, esperemos, ideias mais nobres e mais humanas” (Lange, 1935, p. 96). Logo, “raça”, para Curt Lange, portava conotações muito mais culturais do que biológicas (de forma enlaçada à antropologia cultural de Franz Boas), fazendo-o considerar “o problema da mestiçagem como um fenômeno local, forjado nos usos e costumes, ideologicamente clara, e de matizes singulares” (Machado Neto, 2010, p. 8).

256

Ao assim exprimir-se, Curt Lange coadunava-se com autores latino-americanos, a começar por José Vasconcelos, que “predisse que a América Latina iria liderar o caminho para uma nova era, na qual a ‘raça cósmica’, a mistura das populações indígena, africana e europeia iria transcender os limites estreitos das culturas ocidentais” (Pernet, 2014, p. 22). Já no tocante aos intelectuais brasileiros, há vários pontos de contato entre as ponderações de Curt Lange e aquelas desenvolvidas por autores de viés culturalista, como Arthur Ramos (1903-1949), Roquete Pinto (1884-1854) e, principalmente, Gilberto Freyre (1900-1987); no campo histórico, Manoel Bonfim (1868-1932) também defendia a proeminência da “raça mameluca” na constituição do país,<sup>35</sup> ao

<sup>35</sup> Kettner, 2010, p. 40: “Bonfim argumenta no livro [*América Latina: males de origem*, publicado em 1905] que o atraso das nações latino-americanas está relacionado não ao caráter mestiço dos povos, mas sim à herança colonial parasitária dos países dominadores, transferida para as elites dirigentes do país”.

passo que nos estudos musicológicos, Mário de Andrade (1893-1945) mencionava a “raça brasileira” (Machado Neto, 2010; Kettner, 2010; Buscacio, 2009). Todas essas perspectivas, por sua vez, descartavam o projeto de “branqueamento” das Américas, defendido pouco tempo antes por uma antropologia eminentemente fisiológica e em proximidade com a psiquiatria, a criminologia e o direito penal.

Não obstante, no tocante à questão racial no Brasil, o autor citado por Curt Lange, em outra nota de rodapé, é Oliveira Vianna. Duas obras desse historiador são mencionadas por Lange: *Evolução do povo brasileiro*, de 1923, e *Raça e assimilação*, de 1932. Sobretudo neste último livro, Vianna defende “a percepção de que a América Latina é um excepcional laboratório de investigação para os cientistas sociais interessados no estudo das raças justamente porque nessa região houve uma efetiva mistura de distintas matrizes raciais” (Fontana, 2017, p. 183). Vianna igualmente considerava que

[...] a concretizada visão de que no Brasil só havia brancos, caboclos, negros e pardos escondia um conjunto heterogêneo de raças. Somado a isso, ele também afirma que o branco brasileiro se difere daqueles presentes na Europa, afinal, o clima tropical e as condições geográficas do Brasil requereram adaptações profundas. Oliveira Vianna também engendra às suas discussões o ‘problema dos imigrantes’ como um fator de complexificação da questão racial no Brasil (Fontana, 2017, p. 183-184).

257

Todavia, perdurava uma divergência importante entre Curt Lange e Oliveira Vianna: enquanto o primeiro defendia a mestiçagem, o segundo, com base nas teorias eugenistas ainda circulantes, “refuta[va] a tese de que a miscigenação tenderia à constituição de um tipo único racial brasileiro. Para ele, a miscigenação levaria à maior complexificação das raças na nação, conseqüentemente, aumentaria o número de indivíduos degradados e inferiores em nosso país” (Fontana, 2017, p. 184).

Um pouco mais tarde, na década de 1940, Curt Lange desdobraria sua abordagem da mestiçagem apresentando o mulatismo dos músicos mineiros como uma das expressões emblemáticas do americanismo musical: “os papéis de música de Minas seria como um marco fundacional do ‘*homo americanus*’, e mais, não seria um fruto coevo, mas

sim crescia desde os primeiros momentos de maturidade da América: o século XVIII” (Machado Neto, 2010, p. 8). Mas a “raça mestiça” mostrava-se indissociável, para Curt Lange, da “terra dos trópicos”: “O ambiente físico e clima de uma região se encarregam, irremediavelmente, de fixar os aspectos exteriores da raça” (Lange, 1935, p. 96). E nessa imbricação entre terra e raça,

[...] o trópico significa vida, na mais ampla acepção da palavra: luz, calor, ar, alegria, movimento, ritmo, atividades multiplicadas, riqueza de matizes e expressões, rapidez de desenvolvimento, otimismo, ação positiva. A maior parte do continente sul-americano sendo quente, isto é, tropical e subtropical, sofreu as vicissitudes de seu organismo, os embates de uma natureza ao mesmo tempo voraz e fértil, o ritmo consecutivo e inalterável que assinala o desenvolvimento da mesma (Lange, 1935, p. 94).

Em desdobramento, a “terra dos trópicos” constituía-se em uma referência sócio-cultural, não somente geográfica:

A terra em que vivemos não representa, apenas, aspectos materiais. Não é, apenas, o alimento, a fruta, o solo que proporciona ao homem nutrição e abrigo, nem tão pouco, exclusivamente, a base de nossa reconstituição fisiológica, da uniformidade entre latitude e cor, somática e solo. A terra é, também, fonte de nossa consciência, elemento que inspira a nossa fantasia, companheira poderosa da vida, que é nossa mestra pedagoga, mestra guia, espécie de segunda natureza da qual o homem se serve para explorar a própria existência, com o intuito de superar-se. São os filamentos indestrutíveis que unem o homem à terra; eles funcionam como poder orientador, assinalando algo mais elevado, mantendo vivo, no homem, o espírito do aperfeiçoamento. São, a um tempo, paisagem e cenário, visão plástica e ação múltipla, que intensificam nossa capacidade espiritual, transmitindo calma e inquietação, em suprema harmonia, e, com isso, um hálito de eternidade (Lange, 1935, p. 97).<sup>36</sup>

258

Em seu esforço por implementar o americanismo musical, Curt Lange veio a conferir certo destaque ao Brasil, como indicado no texto de 1935:

Os brasileiros, que têm Francisco Braga, Villa-Lobos, Lorenzo Fernández, Mignone, Camargo Guarnieri, Fructuoso Vianna, Mário de Andrade, um formidável organizador e regente como Burle Marx, Guilherme Fontinha e Luiz Heitor, meus inestimáveis colaboradores, que têm virtuosos e professores ilustres, nada devem temer. Eles caminharão firmes e bem orientados para um futuro

<sup>36</sup> Esta mesma passagem figurava, em espanhol, no artigo inaugural do *Boletín Latino-Americano de Música*, que portava o título *Arte Musical latino-americano, raza y asimilación*, indicando sua relevância para o pensamento de Curt Lange.

artístico seguro, e com os brasileiros, simultaneamente, em inseparável união de sentimentos, seguindo seus exemplos, caminharão as nações irmãs do continente. Praticamente o Chile, a Argentina, a Colômbia, o Peru e a Venezuela já participam ativamente de nosso movimento. E no centro desse movimento, a que não faltam estímulos, nem sadia autocrítica, encontramos o Brasil e o Uruguai: aquele o impulsionador artístico, este o organizador do movimento (Lange, 1935, p. 113).

De forma concomitante, vários compositores e intérpretes brasileiros apoiavam o americanismo musical de Curt Lange. Aliás, grande parte da classe artística já endossava a valorização das expressões culturais nacionais, particularmente do folclore rural. Na década de 1930, duas correntes principais divergiam quanto à expressão da “brasilidade”: os que a reconheciam a partir do barroco do século XVIII, principalmente em Minas Gerais, contrapunham-se aos que defendiam uma incorporação do moderno e de expressões estrangeiras, desde que antropofagicamente transformadas a partir da realidade local.<sup>37</sup> Curt Lange dialogava com essas duas vertentes, inter-relacionando-as ao projeto do americanismo musical:

259

Lange tinha contatos em toda a América Latina e estabeleceu ligações estreitas especialmente com o brasileiro Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e Camargo Guarnieri, durante uma viagem em 1934. O fato de que cada edição do *Boletín Latino-Americano de Música* exibia um país latino-americano com a ajuda de um coeditor, do mesmo país, também ajudou a formar uma comunidade de profissionais da música, muitos dos quais tinham um forte interesse pelo folclore, como uma das bases para a música ‘americana’ (Pernet, 2014, p. 30).

Aliás, como afirma Santuza Cambraia Naves, parte dos artistas e intelectuais brasileiros que dialogavam com Curt Lange compartilhava o ideal da *Bildung*, a exemplo de Mário de Andrade: “[...] acredito que a preocupação de Mário com o ‘desenvolvimento’ das manifestações populares corresponde à concepção de ‘cultivo’ presente nas formula-

<sup>37</sup> Registre-se que o governo Vargas não deixou de tentar apropriar-se dessa dinâmica cultural nacionalista. Assim, por exemplo, a estação radiofônica governamental “transmitia um programa semanal em que o moderador trazia artistas populares de todo o Brasil para contar suas histórias e explicar as peças executadas” (Pernet, 2014, p. 26).

ções do romantismo alemão no final do século XVIII, que se ancoram no ideal da *Bildung* [...]. Esse ideal parece se aplicar ao projeto modernista brasileiro, o qual, se valoriza a tradição – no caso, a cultura popular –, dela requer, no entanto, que saia de seu estado tosco original e sofra um processo de aprimoramento” (Naves, 2013).

### Conclusão

Concluimos este artigo com o argumento de que Curt Lange dotou o americanismo musical com uma concepção de tempo histórico que, reportada à *Bildung*, permitiu-lhe interligar postulados evolucionistas e historicistas, de forma a tecer a esperança utópica num futuro de relações humanas mais irmanadas pela cultura. Nesse porvir, as particularidades ou diferenças culturais não seriam diluídas num saber e em uma estética de perfil civilizatório-homogeneizante; pelo contrário, elas possibilitariam uma constante criação do novo híbrido, que concomitantemente questionaria e potencializaria essas diferenças.

260

Em todas as grandes capitais que venderam sua individualidade americana ao preço de adaptações superficiais – educação, cultura, artes em geral e arquitetura em particular – considera-se um absurdo falar em manifestações autóctones ou em dedicação carinhosa às culturas do Brasil, Colômbia, Venezuela, Equador, México e Cuba. Os pobres seres que assim pensam devem ser qualificados de retrógrados porque negam, conscientemente, a origem e os destinos da humanidade, não se lembrando que eles mesmos já se acham submetidos à transformação consecutiva que experimentam as populações atuais, no sentido da formação do homem americano, ou do homem universal, esse ser ideal com o qual sonhou, em outros tempos, o russo Dostoiévski (Lange, 1935, p. 97).

Ao citar Fiódor Dostoiévski, Curt Lange possivelmente referia-se ao texto *O funeral do “homem universal”*, uma das seções do terceiro capítulo do *Diário de um escritor*, publicado em 1877. Nele, o autor russo relata o funeral do Dr. Hindenburg, médico “obstetra, alemão e protestante, cujo objetivo de toda a vida foi ajudar os pobres, sem qualquer discriminação ética ou religiosa. Ele morreu na pobreza” (Shrayer, 2016, p. 31). Nas palavras do próprio Dostoiévski,

Embora esse homem que servia a todos seja um caso isolado, ele uniu toda a cidade em torno do seu caixão. Camponesas russas e pobres judias, juntas,

beijaram o seu pé no caixão, juntas se aglomeraram em torno dele, juntas prantearam. [...] Toda a cidade se despede dele, os sinos de *todas* as igrejas tocam, preces são entoadas em todas as línguas. O Pastor fala com lágrimas nos olhos junto à cova aberta. O Rabino aguarda ao lado, esperando o Pastor terminar, e então toma a palavra e faz o seu discurso e verte as mesmas lágrimas. [...] Com efeito, o Pastor e o Rabino se uniram em um amor comum, quase se abraçaram junto à cova, sob os olhos de cristãos e judeus (Dostoiévski apud Shroyer, 2016, p. 31).

Eis, portanto, o ideal universalista de Curt Lange, tecido a partir das singularidades locais, em especial da América Latina:

Enquanto na Europa os horizontes carregam-se de nuvens obscuras, que parecem anunciar uma nova hecatombe, procuremos eliminar semelhantes possibilidades no Continente Latino-Americano, contribuindo com nossa arte. Sabemos por experiência – a história o ensina – que a identidade de idiomas, em nações irmãs, não impede a deflagração de guerras fratricidas. Antes que se extremem os problemas econômicos devemos construir essa ponte cheia de ideais comuns, para irmanar as nações no laço indestrutível da linguagem superior da música, unida à literatura, à poesia, à arquitetura, às artes plásticas e às ciências (Lange, 1935, p. 113).



## Referências

Alge, Barbara. “The Influence of German Musicology in the Work of Francisco Curt Lange”. *Opus*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 9-38, jun. 2014.

Alves, Alexandre. “A tradição alemã do cultivo de si (*Bildung*) e sua significação histórica”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 1-18, 2019.

Arcanjo Júnior, Loque; Miranda, Márcio Antônio de. “Práticas musicais, redes de sociabilidade e cultura intelectual na correspondência entre Francisco Curt Lange e Cláudio Santoro (1940-1946)”. *E-Hum: Revista Científica das Áreas de Humanidades do Centro Universitário de Belo Horizonte*, v. 9, n. 1, jan.-jul. 2016.

Ascenso, João Gabriel da Silva. “A redenção cósmica do mestiço: inversão semântica do conceito de raça na *Raza cósmica* de José Vasconcelos”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 52, p. 294-315, jul.-dez. 2013.

Bentivoglio, Júlio. “Cultura política e historiografia alemã no século XIX: A Escola Histórica Prussiana e a *Historische Zeitschrift*”. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, n. 3, p. 20-58, jun. 2010.

Beraba, Ana Luiza Segala Pauletto. *Teias culturais interamericanas nos anos 40. Um estudo de caso: Pensamento e América*. Monografia (Graduação em História Social), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Bethell, Leslie. “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 289-321, jul.-dez. 2009.

Bevir, Mark. “Porque a distância histórica não é um problema”. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 18, p. 11-28, ago. 2015.

Britto, Fabiano de Lemos. “Identidade cultural e formação individual: a Alemanha do século XIX e a fundação da pedagogia moderna”. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 217-233, jan.-mar. 2012.

Britto, Fabiano de Lemos. “Sobre o conceito de educação (*Bildung*) na filosofia moderna alemã”. s.d. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15522/15522.PDF>. Acesso em: 24 mar. 2010.

Buarque, Virgínia. “Fundamentos para uma história da diversidade e da transformação cultural: a bora de J. G. Herder”. *Encontros: Revista Semestral do Departamento de História do Colégio Pedro II*, n. 1, p. 58-61, 2003.

Buscacio, Cesar Maia. *Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956)*. 2009. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

- Castagna, Paulo. “Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira”. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, Pelotas, n. 1, p. 32-57, 2008.
- Castro, Fernando Vale. *Pensando um continente: a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X-FAPERJ, 2012.
- Crespo, Regina Aída. “Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 187-208, 2003.
- Fontana, Felipe. “Pontos de inflexão para a análise do pensamento vianniano. As posições de Oliveira Vianna sobre a entrada de 3.000 chineses no Brasil e o seu trabalho de consultor jurídico (1932-1940)”. *Civitas*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 177-196, jan.-abr. 2017.
- Fugellie, Daniela. “Nueva Música, Música Viva, tonus e os caminhos da dodecafonía na América do Sul (1930-1960)”. *Música Hodie*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 168-182, 2018.
- Gerhard, Anselm. *Musikwissenschaft: eine verspätete Disziplin?* Stuttgart, Weimar, Metzler: Verlag, 2000.
- Goméz, Bárbara Natália. “Conceitos fundamentais para compreender a filosofia da história de Johann Herder”. *Simpósio Nacional de História*. 26., 2011, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Associação Nacional de História (ANPUH), 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158698\\_ARQUIVO\\_Herder.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158698_ARQUIVO_Herder.pdf). Acesso em: 3 maio 2020.
- Gur-Ze’ev, Ilan. “A *Bildung* e a teoria crítica na era da educação pós-moderna”. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 12, n. 22, p. 5-22, jan.-jun. 2006.
- Hermann, Nadja. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCSRS, 2005.
- Kettner, Michele Nascimento Manoel Bomfim: “Ensaçando’ a mestiçagem em América Latina”. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 34, n. 1, p. 135-154, 2010.
- Lange, Curt. “Americanismo musical. Ideias para uma futura sociologia musical latino-americana”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 93-113, jun. 1935.
- Lange, Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, Montevideu, t. 6, 1946.
- Lovaglio, Vânia Carvalho. *Música contemporânea em Minas Gerais: os Encontros de Compositores Latino-Americanos de Belo Horizonte (1986-2002)*. 2010. Tese (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

Machado Neto, Diósnio. “Curt Lange e Régis Duprat: os modelos críticos sobre a música no período colonial brasileiro”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 73-94, 2010.

Marangon, Marcio Luis. *Bildung na contemporaneidade: alguns legados pedagógicos de Goethe*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.

Montero, Luis Merino. “Francisco Curt Lange (1903-1997): tributo a un americanista de excepción”. *Revista Musical Chilena*, Santiago, v. 52, n. 189, p. 9-36, jan. 1998.

Moura, Margarida. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec, 2004.

Moya, Fernanda Nunes. *Diálogos entre Mário de Andrade e Francisco Curt Lange: nacionalismo e americanismo musicais nas décadas de 1930 e 1940*. 2014. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

Naves, Santuza Cambraia. *O Brasil em uníssono: e leituras sobre música e modernismo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

264

Pereira, Simone Luci. “Sobre a possibilidade de escutar o Outro: voz, *World Music*, interculturalidade”. *E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Educação*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 1-16, maio-ago. 2012.

Pernet, Corinne A. “‘Pela cultura genuína das Américas’: Folclore musical e política cultural do pan-americanismo, 1933-1950”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 19-51, jan.-jun. 2014.

Prado, Maria Lígia Coelho. “A pena e a espada: a *Revue des Deux Mondes* e a intervenção francesa no México”. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 30, n. 54, p. 613-630, set.-dez. 2014.

Rocha, Edite. *Nota biográfica*. Página da Internet. Acervo Curt Lange (UFMG). Disponível em [https://www.ufmg.br/rededemuseus/acl/?page\\_id=508](https://www.ufmg.br/rededemuseus/acl/?page_id=508). Acesso em 24 jun. 2020.

Rocha, Gilmar; Tosta, Sandra Pereira Tosta. “O campo, o museu e a escola: antropologia e pedagogia em Franz Boas”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 49, p. 61-88, set.-dez. 2017.

Rouanet, Maria Helena (org.). *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 1997.

Schiller, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. 2ª ed. São Paulo: EPU, 1992.

Shrayer, Maxim. “A ansiedade da judaicidade em Dostoiévski e a poética de *Os irmãos Karamázov*”. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 10-35, 2016.

Smith, Anthony D. *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*. Hanover: Historical Society of Israel e Brandeis University Press, 2000.

Vieira, César Romero Amaral. “Americanismo x iberismo: a influência do modelo educacional norte-americano no final do século XIX”. *Horizontes*, v. 26, n. 1, p. 21-30, jan.-jun. 2008.

### **CESAR BUSCACIO**

Pianista, pesquisador e professor associado do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Participou do processo de criação e implantação do curso de Música da UFOP e foi como diretor do Instituto de Filosofia Artes e Cultura da mesma universidade (2016-2019). Por sua tese *Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956)*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ e na École Pratique des Hautes Études de Paris, recebeu em 2010 o “Prêmio FUNARTE de Produção Crítica em Música”. Dedicou-se à pesquisa de memórias, biografias e arquivos de compositores brasileiros do século XX e, como intérprete, ao repertório da música brasileira e francesa do século XX para duo pianístico. E-mail: [cesar.buscacio@ufop.edu.br](mailto:cesar.buscacio@ufop.edu.br).

265

### **VIRGÍNIA BUARQUE**

Doutora em História da UFRJ (2005) e Pós-Doutora em Ciências Religiosas (Université Laval, 2011-12) e Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2013-15), é pesquisadora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em História e professora do Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde integra o Grupo de Pesquisa “Ecos do Passado, Sonoridades Presentes”. No âmbito da história religiosa, participa do Grupo de Pesquisa “Interfaces da Antropologia na Teologia Contemporânea” da Faculdade Jesuíta, sendo membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Pesquisa temas como a história do cristianismo, ciências humanas, música e interdisciplinaridade, ensino de história (com destaque às memórias locais). Publicou em 2016, pela editora Loyola, o livro *Dom Luciano Mendes de Almeida: humanismo em (trans)descendência*. E-mail: [virginiacastrobuarque@gmail.com](mailto:virginiacastrobuarque@gmail.com).